

## PRÁTICAS TRANSLÍNGUES NA EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA E LITERÁRIA

A coexistência entre monolingüismo, multilingüismo e translíngüismo – como condições glotopolíticas do contemporâneo – tem trazido múltiplas indagações e possibilidades de rediscussão teórico-crítica. Diversos intelectuais já refletiram sobre a formação dos Estados-nações como comunidades imaginadas (Anderson, 2008) calcadas na ideologia nacionalista que associa a ideia de unidade territorial do Estado ao pressuposto de uma identidade marcada pelo uso hegemônico de uma língua (Hobsbawm, 2004). Evidentemente, tal associação entre nacionalismo e monolingüismo, tanto no contexto europeu quanto no latino-americano, defrontou-se com o grande multilingüismo e diversidade de comunidades e culturas que configuram a história de ocupação dos territórios nacionais (De Certeau et al., 2002). Diante dessa realidade diversa que contradiz os projetos dominantes de unificação, os Estados-nações, sobretudo a partir da passagem do século XVIII para o XIX, investem fortemente no processo de planificação das línguas nacionais, processo este que, de acordo com Bourdieu (2008), corresponde ao empenho das nações na produção e reprodução da chamada “língua legítima”, conformando, através de diversos mecanismos, um imaginário pautado na atribuição de maior status cultural e social ao domínio simbólico de uma determinada língua – melhor dizendo, ao construto de uma representação discursiva homogeneizante de língua, oficializada pelo Estado – em detrimento de outros idiomas e/ou variedades linguísticas (afastadas deste construto legitimado) que coabitam o mesmo espaço enunciativo nacional (Guimarães, 2007). Na tarefa de construção deste espaço hierarquizado a partir da centralidade da língua nacional/oficial, participam não só representantes do poder estatal, mas também gramáticos, dicionaristas, linguistas, escritores, intelectuais, tradutores, críticos literários, professores de línguas e literaturas, entre outros agentes sócio-históricos envolvidos neste processo.

Percebe-se assim que a ideia de monolingüismo – desde sua invenção promovida pelas formações ideológicas do nacionalismo – convive dialeticamente com uma dinâmica profundamente multilíngue, que de nenhum modo pode ser vista como algo incompatível ou excepcional à natureza social da linguagem humana, haja vista o fato de atualmente haver no planeta 195 países reconhecidos pela Organização das Nações Unidas (ONU) e mais de 7.000 línguas. Esta plurivocidade de línguas, que estabelecem diferentes atravessamentos e (muitas vezes, assimétricas) formas de relação entre si, vem conduzindo pesquisadores do campo de estudos de linguagem (LI, 2011; García,

2012; Canagarajah, 2018) e de literatura (LIU, 1995; Kellman, 2000; Bruera, 2017) a deslocarem o foco de suas reflexões para o terreno de investigações sobre as *práticas translingues* envolvidas na relação do sujeito com a(s) língua(s) e com a heterogeneidade constitutiva do discurso (Andrade/Mello, 2019).

Nessa direção caminha também o entendimento de pesquisadores da área de *translanguaging studies*, que concebem o translinguismo como um modo de desconstrução das formas tradicionais de perspectivação da língua(gem):

Desafiando entendimentos tradicionais das relações linguísticas no multilinguismo, que postula que as línguas mantêm em separado suas estruturas e identidades mesmo em contato, o *translinguismo* considera que os recursos verbais interagem sinergicamente para gerar novas gramáticas e significados, para além da ideia de separação de suas estruturas. De acordo com essa definição, o prefixo ‘trans’ aponta uma maneira de observar as práticas comunicativas transcendendo a noção de línguas autônomas (Canagarajah, 2018, p. 31 – tradução nossa).

Coincidimos com a crítica feita por Canagarajah à tendência positivista da linguística estrutural, que entende o conceito de língua (*langue*) como sistema estrutural abstrato e autonômico. Em contraposição a essa visão, alinhamo-nos a uma reflexão ampliada sobre o fenômeno do contato linguístico enquanto feixe de relações idiomáticas e entrelaçamentos culturais, atravessado por inúmeras zonas de translação e indiscernibilidade (Malmberg, 1966).

Concomitantemente a essa compreensão sobre os diversos espaços transicionais que constituem a linguagem, é fundamental refletir sobre a noção de língua enquanto objeto ideológico, discursivamente cerceado e fronteirizado, em torno do qual diferentes instrumentos linguísticos (Auroux, 1992) elaboram limites, formas de planificação, gramatização, normatização e normalização, estipulando valores de usos das variantes em diferentes contextos, por meio de múltiplos agenciamentos empreendidos nas várias esferas do social. Dentre tais agenciamentos vinculados à formação de um mercado linguístico – ou, em outras palavras, de um campo linguístico unificado (BOURDIEU, 2008) – é importante discutir o papel do campo literário enquanto instância associada à produção de crenças em torno da legitimidade da relação entre monolinguismo e identidade nacional. Não à toa, a constituição histórica dos cânones nacionais é inegavelmente marcada pelo silenciamento de diferentes vozes, línguas, variedades linguísticas estigmatizadas e hibridismos idiomáticos que contradizem as imagens de pureza, homogeneidade e distinção erudita, valorizadas na ordem simbólica do discurso nacional.

Um interessante paradoxo, no entanto, reside nesse processo, visto que de maneira simultânea ao acirramento dos mecanismos de imposição monolíngue na organização dos estados nacionais modernos, ocorrem vários fluxos migratórios que geram o surgimento, em inúmeros países, de comunidades bi/multilíngues, cuja expressão verbal configura intensas manifestações de translinguagem, contínua e violentamente recalcadas pelas políticas linguísticas e culturais, sejam elas fomentadas pelo poder público ou por agentes da sociedade civil. Como se sabe, o século XX foi um período de fortes deslocamentos de populações para se protegerem de guerras, perseguições étnicas, religiosas, políticas, regimes totalitários e precárias condições de sobrevivência em suas terras natais. Tais deslocamentos continuam a acontecer no século XXI, como demonstram, na atualidade, os inumeráveis grupos de refugiados africanos e sírios que tentam entrar na Europa; a marcha de emigrantes hondurenhos em direção aos Estados Unidos em 2018; as ondas de migração de haitianos, bolivianos e

venezuelanos para o Brasil nos últimos anos; as tentativas desesperadas de fuga do Afeganistão no aeroporto de Cabul em 2021, entre outros exemplos.

Evidentemente, tal vivência translíngue, associada à mobilidade planetária, engendra formas de reposicionamento do sujeito na linguagem, processo este que, claro, não está isento de conflitos internos e mecanismos de coerção externos, visto que a sensação de “pertencimento” a uma comunidade linguística, ligada à historicidade das políticas de educação linguística e literária, atrela-se aos processos de subjetivação, interpelados, tanto no nível do simbólico quanto do imaginário, pelas formações ideológicas dominantes do Estado-nação. Isso significa, em outras palavras, que as várias instâncias de edificação das pedagogias do monolinguismo, em geral, estão conectadas às políticas da identidade, pautadas em grande medida num processo excludente e hierarquizante de planificação de corpus e status das línguas que insuflou historicamente o violento processo de epistemicídeo – vinculado no Brasil, sobretudo, à interdição da transmissão intergeracional das línguas indígenas e africanas – e que, até hoje, alimenta o preconceito linguístico e a estigmatização cultural de diversos grupos sociais.

Nesse sentido, é importante dar visibilidade crítica aos diferentes gestos de resistência linguística, cultural e educacional, capazes de constituir formas de dissuasão das pedagogias do monolinguismo. Para tanto, Andrade (2024), ao refletir sobre as contrapedagogias do contemporâneo, apropria-se, de forma ressignificada, do conceito de “*contra-pedagogías de la crueldad*”, forjado por Segato (2018) para discutir as estratégias histórico-antropológicas de enfrentamento à lógica da crueldade e naturalização da violência no contexto social latino-americano, marcado pelo patriarcado e pelas assimetrias das relações interseccionais de gênero, raça e classe. A naturalização dessa lógica de violência, no âmbito da biopolítica (Foucault, 2008), determina, por um lado, a divisão de corpos e vidas “que importam” (ou não) diante do aparato jurídico do Estado, e por outro, promove meios de interdição da vincularidade, corroborando a manutenção de formas de segregação e minorização sociocultural e sociolinguística. Sendo assim, o aprofundamento analítico de distintas práticas translíngues – que se contrapõem à violência simbólica do monolinguismo – pode constituir gestos políticos (contrapedagógicos) de intervenção acadêmica na história dos discursos sobre as línguas, visto que tais práticas coparticipam do processo de (re)construção dos “projetos históricos de vínculo” (Segato, 2018, p. 16) voltados para a reciprocidade nas interações entre línguas, culturas e cosmogonias.

Partimos, nesse viés, de uma concepção de educação linguística e literária que se propõe como um gesto de resistência crítico, de transformação social e de decolonização do pensamento, levando em conta a diversidade sociocultural das práticas de linguagem do mundo contemporâneo. Tal gesto se configura como uma ruptura em relação aos movimentos de subalternização e às ideologias hegemônicas de marginalização e estigmatização de certos grupos e pessoas (Poza, 2017). Assim,

O movimento decolonial translíngue mostra-se interessante e transformativo porque desnuda todo nosso preconceito linguístico e desestabiliza a postura colonizadora que destitui as pessoas de seu direito inequívoco a seus patrimônios vivenciais e de seu direito de existência plural (García, 2020b; Megale & Liberali, 2020). (Rocha e Megale, 2023, p. 11)

A translinguagem, portanto, potencializa “a criação de novas subjetividades, identidades e ideologias” (*ibidem*, p. 12), relacionando-se a movimentos libertários e emancipatórios de enfrentamento das ideologias homogeneizantes e autoritárias. Esses movimentos dão visibilidade a conhecimentos, culturas e práticas de linguagem socialmente deslegitimados, expandindo, desse modo, a convivência coletiva em um processo de educação linguística e literária que possibilite aos sujeitos a negociação de sentidos e de imbricação de vozes, identidades e discursos não-hegemônicos, de maneira a propiciar o desenvolvimento da sensibilização em relação às diferenças e a desnaturalizar a “lógica da classificação social” (Santos, 2002, p. 247).

As práticas translíngues potencializam, assim, a diversidade de repertórios e identidades linguístico-culturais dos sujeitos, configurando-se como “alternativas às experiências hegemônicas” (*ibidem*, p. 249), bem como alternativas epistemológicas e transgressivas às relações de poder e dominação que têm sido historicamente perpetuadas, inclusive no âmbito do ensino de línguas e literaturas. Nesse prisma, esperamos que as reflexões desenvolvidas neste dossiê possam contribuir para o debate em torno da translinguagem e suas inflexões na educação linguística e literária, na pesquisa e na formação de professores/as, questionando assim o paradigma monolíngue.

Tendo em vista tais reflexões e o trajeto dessa discussão até o presente momento, é possível observar que essa coexistência entre monolingüismo, multilingüismo e translingüismo – problemática aos olhos da hegemonia – indicia uma tensão constitutiva dos discursos em torno das línguas nomeadas e das literaturas que emergem em conexão com estas línguas, gerando também inflexões na educação linguística e literária, na pesquisa e na formação de professores. A adesão de certos agentes das esferas acadêmica e pedagógica à reflexão sobre as práticas translíngues, que questionam tanto o paradigma monolíngue – vinculado ao poder de nações e impérios – quanto a cooptação do multilingüismo pelos mercados linguísticos globais, vem visibilizando linguagens e textualidades transfronteiriças, historicamente minorizadas, marcadas pelo atravessamento de línguas indígenas, africanas, de migração, de contato, bem como de variedades não prestigiadas pela gramática normativa, pelo cânone literário e pelos currículos de língua materna, línguas adicionais e literaturas. Sendo assim, o presente dossiê se propôs a compilar artigos oriundos de pesquisas ligadas a distintas linhas teóricas, ou perspectivas transdisciplinares, que enfocassem: (i) diferentes práticas translíngues e transculturais presentes em gêneros discursivos relevantes para a educação básica e para a formação docente; (ii) formas diversas de mediação, visibilização ou silenciamento de textualidades translíngues no âmbito da educação linguística e da educação literária; (iii) os impactos que as políticas linguísticas, literárias e culturais produzem em relação ao tratamento pedagógico das performatividades translíngues e transfronteiriças no ensino de línguas e literaturas; (iv) a relação da translinguagem com as práticas de intercompreensão, abordagem intercultural e tradução em diferentes espaços e propostas educacionais; (v) os efeitos (contra)pedagógicos gerados pelo contato entre línguas/culturas na literatura e em diferentes esferas do discurso.

Passamos, a seguir, a apresentar os trabalhos recebidos e selecionados para integrar este dossiê, começando pelo artigo “Proposta para a não sloganização do conceito de translinguagem”, de Leandro Rodrigues Alves Diniz (UFMG), Helena Regina Esteves de Camargo (UFABC) e Ana Cecília Cossi Bizon (Unicamp), que discute o processo de sloganização de conceitos contemporâneos da área de estudos de linguagem. Tal processo, vinculado à lógica do capitalismo acadêmica, tende a esvaziar os sentidos dos construtos conceituais, reduzindo-os ao que os autores consideram como “discursos de efeito” com vistas a criar engajamento. Consideramos fundamentais as

observações apontadas por esta revisão bibliográfica da produção acadêmica recente que mobiliza o conceito de translanguagem, visto ser necessário ponderar criticamente sobre as possibilidades de esvaziamento desse conceito, disseminado muitas vezes como uma espécie de moda acadêmica. Sem negar a importância e a contribuição que a perspectiva em torno das práticas translingües podem trazer aos estudos de linguagem e de educação linguística, os autores elaboram também em sua reflexão interessantes propostas para evitar tal processo de sloganização.

Já no artigo “Radical social transformation, translanguaging, and decolonial language education for sustainability”, Cláudia Hisdorf Rocha (Unicamp) e Ruberval Franco Maciel (UEMS) abordam a importância de se refletir criticamente sobre a questão da sustentabilidade, que, se por um lado, reproduz, em certa medida, um modelo universalizante, calcado numa ideologia ocidental/neoliberal, por outro, é capaz de fornecer possibilidades de enfrentamento aos desafios da atualidade, fazendo dialogar diferentes geografias e disciplinas. No que tange ao ensino de línguas, a agenda de sustentabilidade, defendida por vários especialistas, chama a atenção para a importância da diversidade linguística. Nesse sentido, Rocha e Maciel propõem o conceito de transformação radical como elemento basilar de uma educação ao mesmo tempo translingüe e decolonial, no intuito de fomentar práticas educativas transformadoras transdisciplinares e críticas.

Seguindo a esteira desse debate teórico em torno dos estudos sobre translanguagem, o artigo “Consideraciones sobre el constructo translenguar en su dimensión social y pedagógica: origen, evolución e interpretaciones”, de Gregorio Pérez de Obanos Romero (Unila) e Jorgelina Tallei (Unila), apresenta diferentes aproximações teóricas à noção de “translenguar” (translinguar) – termo que recupera a dimensão verbal implicada no conceito de *translanguaging*. O trabalho aborda, por um lado, reflexões que advogam por uma teoria unitária do translinguar, que concebe as práticas discursivas dos falantes bi/multilíngues como um sistema dinâmico em que se dissipam as fronteiras idiomáticas, vinculando ainda tais práticas aos pressupostos dos estudos decoloniais e à luta por justiça social dos grupos minorizados. Por outro lado, aponta a presença simultânea de uma teoria interlingüística do translinguar, em torno da qual se reúnem estudiosos que defendem, a partir de uma ótica ligada às políticas linguísticas, a existência das línguas, tanto no nível psicolinguístico quanto no sociopolítico. O texto discute as diferenças entre ambas as perspectivas, contribuindo assim para uma compreensão mais precisa do fenômeno e de suas distintas possibilidades de abordagem, seja no contexto acadêmico, seja no contexto escolar.

Já o artigo “Tradução e des(igualdade): relendo entre línguas *La Havane/Viaje a La Habana* de Condesa de Merlin”, de Pablo Gasparini (USP), abre em nosso dossiê o espaço de discussão voltado para as práticas translingües no campo da literatura e da educação literária. Neste trabalho, propõe-se uma forma de abordagem de textos produzidos na interseção entre línguas e territórios, como *La Havane*, de Condesa de Merlin, escritora cubana radicada na França no século XIX. Desse modo, analisa-se aí o modo como o sujeito enunciador é figurado, bem como os efeitos que sua figuração produz no complexo jogo erigido por diversas dobras linguísticas e culturais. No escopo de uma perspectiva glotopolítica do literário, Gasparini indaga, a partir desta arguta discussão sobre uma obra que entra na literatura de língua espanhola a partir de uma tradução, as políticas de assimilação do olhar estrangeiro dentro de determinada literatura nacional.

Dando continuidade a essa importante relação entre estudos sobre literatura, translanguismo e tradução, no artigo “Translinguismo literário: uma reflexão sobre a (auto)tradução na escrita chicana de Hinojosa”, Walquíria Rodrigues Pereira (UFRJ)

reflete sobre os atravessamentos translíngues entre inglês, espanhol e spanglish presentes na escrita de autores chicanos, como Rolando Hinojosa-Smith. Ao focalizar as práticas de autotradução na obra deste escritor, a pesquisadora discute o modo como o hibridismo linguístico aí configura formas de mediação cultural, resistência e (re)afirmação político-identitária.

Outro viés de reflexão sobre a relação do translinguismo com diferentes manifestações estéticas e culturais é trazido à baila pelo artigo “Práticas translíngues e transculturais nas artes verbais pemon: considerações a partir de cantos e narrativas orais”, no qual Jociane Gomes de Oliveira (UFPA) e Izabela Guimarães Guerra Leal (UFPA) analisam dois cantos interpretados por Bernaldina José Pedro, indígena macuxi, e duas narrativas orais transmitidas por Clemente Flores e Alcuíno de Lima, indígenas taurepangues. Neste trabalho, as autoras constroem uma interessante reflexão a respeito do entrecruzamento translíngue português-macuxi-ínglês nas artes verbais pemon, indiciando assim o modo como o contato com missionários estrangeiros atravessa a discursividade ameríndia. Em paralelo a isso, estabelecem uma produtiva vinculação teórica entre as noções de práticas translíngues e transculturação para a abordagem de repertórios poéticos indígenas, focalizando, sob uma ótica crítica, a presença de um movimento de tensão entre processos de hibridação e resistência num contexto desigual de lutas e enfrentamentos.

Seguindo no escopo das práticas translíngues e de manifestações artísticas de povos indígenas, o artigo “*Estallido social* chileno e poética mapuche como práticas translíngues e contrapedagógicas contemporâneas”, de Priscila Marinho (UFRJ), desenvolve uma análise discursiva da paisagem linguística deflagrada à época da revolta popular denominada como *estallido social* chileno, entre 2019 e 2020. Em seu trabalho, a autora demonstra de que maneira se materializam, nesse contexto, trânsitos linguísticos entre o espanhol, língua nacional, e o mapudungun, língua mapuche, povo indígena originário da área centro-sul da América. Ademais, a autora examina alguns poemas que compõem a literatura mapuche contemporânea.

O artigo “Práticas de translinguagem e hibridação nos modos de fazer de uma professora de língua inglesa em uma escola indígena Pataxó”, de Maralice de Souza Neves (UFMG) e Ângela Caroline Coelho Renovato Aires (UFMG), aborda, de maneira semelhante, a questão das práticas translíngues e transculturais em um contexto de uma Escola Indígena Pataxó (EIP) localizada em Coroa Vermelha (BA). Nesse sentido, as autoras buscam compreender a relação existente entre a aprendizagem da língua inglesa e o patxohã, língua indígena falada nessa comunidade, tendo em vista que a professora de língua inglesa da EIP em questão articula suas aulas juntamente com o professor de patxohã.

Partindo da relação entre práticas translíngues e educação linguística, o artigo “O que tem de crítico no Ensino de Línguas Baseado em Tarefas e qual é a tarefa da Pedagogia Crítica? A produção de atividades didáticas em um projeto de monitoria de língua inglesa a partir da translinguagem”, de Gustavo Dias Oliveira (UFRB) e Diogo Oliveira do Espírito Santo (UFRB), propõe a intersecção entre a Pedagogia Crítica e o Ensino de Línguas Baseado em Tarefas em um projeto de monitoria de língua inglesa desenvolvido em uma universidade do interior da Bahia. Nesse viés, os autores buscam demonstrar de que modo o projeto em questão, a partir do enfoque da translinguagem, tem o potencial de trazer à tona a diversidade de repertórios linguísticos, culturais e semióticos no contexto do ensino de língua inglesa, contribuindo assim para uma educação libertadora comprometida com a transformação e a justiça social.

O artigo “Educação linguística em língua inglesa com crianças e translíngua: reflexões a partir de materiais didáticos para crianças de 6 anos”, de Danielle de Almeida Menezes (UFRJ), aborda, de maneira similar, a relação entre translíngua e educação linguística ao debruçar-se sobre a análise de dois materiais didáticos produzidos para o ensino de língua inglesa e utilizados em contextos diferentes, sendo um deles utilizado no 1º ano do ensino fundamental da rede municipal do Rio de Janeiro, e o outro, em uma tradicional rede de cursos de inglês. Assim, a autora investiga em que medida os materiais didáticos em questão comprometem-se com a educação linguística de seu público-alvo, isto é, crianças de 6 anos, de modo que elas possam lançar mão e ampliar seus repertórios linguístico-culturais.

Partindo também da relação entre práticas translínguas e contextos de ensino-aprendizagem de línguas, o artigo “O que indicam as práticas de translíngua em textos escolares de alunos migrantes (ou quando os estranhos batem à porta das nossas escolas)”, de Marcos Antonio Castillo Barros (SEDUC-MT) e Fernando Zolin-Vesz (UFMT), analisa produções escritas de alunos migrantes de países da América do Sul em aulas de língua portuguesa de duas escolas públicas do Estado de Mato Grosso. Os autores buscam, nesse sentido, demonstrar de que modo o contexto investigado propicia a translíngua, à medida que as produções e as práticas linguísticas analisadas são marcadas pela diversidade linguística e cultural. No artigo “Português como Língua de Acolhimento (PLAc) a crianças imigrantes: questões temáticas e de pesquisa”, Patrícia de Oliveira Branquinho Silva (UFTM) e Acir Mario Karwoski (UFTM) desenvolvem uma revisão sistemática no que tange aos estudos desenvolvidos na área de português como língua de acolhimento (PLAc). Os autores constatam, nesse viés, que a temática possui grande potencial no campo da pesquisa acadêmica, principalmente no que se refere ao acolhimento de crianças imigrantes e/ou refugiadas nas escolas.

Por fim, no artigo “Multiletramentos para as práticas sociais: estudo do *tweet* miniconto”, por fim, Iara Maria Adriano (UFFS), Márcia Adriana Dias Kraemer (UFFS) e Pamela Tais Clein Capelin (UEM) analisam os *tweets* minicontos, como textos-enunciados de gênero discursivo, buscando compreender em que medida se inserem no âmbito dos multiletramentos e das práticas sociais, em contexto multissemiótico e multimodal. Dessa maneira, as autoras demonstram que os *tweets* minicontos propiciam a discussão de questões políticas, históricas e sociais, configurando-se como criações dialéticas e dialógicas. Tendo em vista a diversidade e qualidade dos trabalhos aqui reunidos, convidamos nossos/as leitores/as a conhecê-los e debatê-los em suas instituições e grupos de pesquisa. Desejamos a todos/as uma ótima leitura!

Antonio Andrade  
Universidade Federal do Rio de Janeiro - FAPERJ/CNPq

Elíria Quaresma Fugazza  
Universidade Federal de Alfenas

Editores convidados  
Agosto de 2024

D.O.I: <http://doi.org/10.5281/zenodo.14052358>

## Referências

- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANDRADE, Antonio; MELLO, Ana Maria Lisboa de (org.). *Translinguismo e poéticas do contemporâneo*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2019.
- ANDRADE, Antonio. Práticas translíngues e contrapedagogias do literário. *Alea: Estudos Neolatinos*, vol. 24, n. 2, 2024, p. 1-20. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alea/a/vgNPtRnrCdpThPf6hMkmHTb/?lang=pt>. Acesso em: 03 out. 2024.
- AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad. Eni Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. Trad. Sergio Miceli et. al. São Paulo: Edusp, 2008.
- BRUERA, Franca. Translinguisme littéraire: Frontières, représentations et définitions. *Cosmos. Comparative Studies in Modernism*, n. 11, p. 9-18, 2017.
- CANAGARAJAH, Suresh. Translingual practices as spatial repertoires: expanding the paradigm beyond structuralist orientations. *Applied Linguistics*, 39/1, Oxford University Press, 2018, p. 31-54.
- DE CERTEAU, Michel; JULIA, Dominique; REVEL, Jacques. *Une politique de la langue. La Révolution Française et les patois: l'enquête de Grégoire*. Paris: Gallimard, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *Nascimento da Biopolítica*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- GARCÍA, Ofelia. El papel del *translenguar* en la enseñanza del español en los Estados Unidos. In: Dumitrescu, Domnita (ed.). *El español en Estados Unidos: E Pluribus Unum? Enfoques multidisciplinares*. Nueva York: Academia Norteamericana de la Lengua Española, 2012, p. 353-373.
- GUIMARÃES, Eduardo. Política de línguas na linguística brasileira. Da abertura dos cursos de Letras ao estruturalismo. In: Orlandi, E. (org.). *Política linguística no Brasil*. Campinas, SP: Pontes, 2007, p. 63-82.
- HOBBSAWM, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Trad. M. C. Paoli; A. M. Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.
- KELLMAN, Steven. *The translingual imagination*. Lincoln: Univ. Nebraska Press, 2000.
- LI, Wei. Moment analysis and translanguaging space: discursive construction of identities by multilingual Chinese youth in Britain. *Journal of Pragmatics*, n. 43, 2011, p. 1222- 1235.
- LIU, Lydia. *Translingual practice. Literature, national culture, and translated modernity. China, 1900-1937*. Stanford: Stanford University Press, 1995.

MALMBERG, Bertil. *La América hispanohablante*. Madrid: ISTMO, 1966.

POZA, Luis. Translanguaging: Definitions, implications, and further needs in burgeoning inquiry. *Berkley Review of Education*, vol. 6, n. 2, 2017, p. 101-128. Disponível em: <https://escholarship.org/uc/item/8k26h2tp>. Acesso em: 31 out. 2024.

PRATT, Mary Louise. Lenguas viajeras: hacia una imaginación geolingüística. *Cuadernos de Literatura*, vol. XVIII, n. 36, 2014, p. 238-253.

ROCHA, Claudia H. & MEGALE, Antonieta H. Translinguagem e seus atravessamentos: da história, dos entendimentos e das possibilidades para descolonizar a educação linguística contemporânea. *DELTA*, v. 39, n. 2, 2023, p. 1-32. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/51788>. Acesso em: 08 out. 2024.

SANTOS, Boaventura de S. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, vol. 63, out. 2002, p. 237-280. Disponível em: [https://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Sociologia\\_das\\_ausencias\\_RCCS63.PDF](https://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Sociologia_das_ausencias_RCCS63.PDF). Acesso em: 31 out. 2024.

SEGATO, Rita. *Contra-pedagogías de la crueldad*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2018.